

CONSELHEIRO DIAS FERREIRA

por Theotónio de Malta Jotta
Bibliotecário da Ordem

Da volumosa pasta em que na Biblioteca se conservam as respostas ao inquérito da Comissão Auxiliadora da Exposição de Trabalhos Jurídicos do Rio de Janeiro, em 1893, destaca-se desta vez (as anteriores foram as de Cunha e Costa e Cândido de Figueiredo) aquela que está subscrita pelo nome ilustre do Cons. Dias Ferreira.

A biografia deste notabilíssimo vulto do século XIX foi já sumariamente dada nesta *Revista* (ano 22, 3/4, p. 257) acompanhando a reprodução fotogravada dos originais, também existentes na Biblioteca, dos alvarás de provimento dos prémios pecuniários com que foi distinguido, por cinco vezes, em Coimbra, quando ainda escolar de Leis.

Nela, em curto resumo, se falou, após a obtenção desses triunfos académicos, da sua nomeação para a cátedra, à qual ascendeu mercê de provas brilhantemente prestadas e na quadra da vida em que mal saíra, por assim dizer, da puberdade. E em seguida, durante largos anos, marginando e completando esse labor docente, a aparição do seu nome à frente de algumas obras que no tempo marcaram pela altitude e ainda hoje se podem qualificar, sem o mínimo exagero, de verdadeiros monumentos jurídicos.

Focou-se ainda — se bem que em rápida visão — a intensíssima actividade que desenvolveu no campo político, através de uma militância ininterrupta que deve contar-se, aliás, como

das mais expressivas e mais características facetas da sua vigorosa personalidade. Trata-se no seu caso, de uma surpreendente escalada, vencida degrau a degrau e tão somente à custa de méritos excepcionais, até atingir, numa justa consagração, os postos mais cimeiros da governação pública.

Pela intemerata defesa dos direitos cívicos lidou sempre, sem desfalecimento, o bom combate — na imprensa, na tribuna, no fôro —, verberando prepotências, denunciando atropelos, com uma veemência que lhe valeu o apodo (que uns queriam afronoso, mas era honrosíssimo) de *velho patuleia*.

Bem se sabe que tudo isto ocorreu numa época que hoje nos parece paradisíaca, quando os esbirros se mostraram facilmente domesticáveis, quando eram quase idílicos os debates de ampla acústica no Parlamento, em torneios de oratória fluente (ainda sem cábula...) e quando nem tímidamente se pressentiam as convulsões que — tantos anos volvidos e um pouco por toda a parte — apearam o indivíduo de uma suserania até então incontestada, sufocaram nele a livre expansão do pensamento e fizeram do recato da sua vida de pobre náufrago uma vidraça de assás importuna transparência.

Mas isto não diminui numa só partícula o valor das suas objurgatórias e, sobretudo, da calorosa apologia, tantas vezes por ele feita, daquelas liberdades essenciais que só foram conseguidas, como reza a História, pelo preço de muito sangue fraterno derramado.

Por fim, aludiu-se à sua actividade como advogado, que foi, sobrelevando a todos, o seu específico campo de acção, aquele em que melhor mostrou a capacidade do seu talento multiforme. Com efeito, salvas as interrupções a que o forçava a sua carreira política, o exercício da profissão que estremecia e punha acima de todas tomou-lhe as melhores horas dos seus melhores e mais saborosos e proveitosos dias. E isto, durante a existência inteira — emitindo pareceres, publicando trabalhos forenses, intervindo nas mais célebres pendências do seu tempo —, desde que assentou banca numa obscura comarca da província até que a morte lhe aconteceu, no remanso da sua quinta da Lapa dos Esteios, à ilharga do Mondego, selados pelo definitivo cansaço

os lábios donde tantos ensinamentos e tantas e tão formosas elocuições tinham brotado.

Querendo dar agora uma ajustada síntese deste homem eminente, pode afirmar-se que ele foi uma das mais completas organizações de jurista que Portugal desde sempre conheceu, com uma arguta intuição dos fenómenos jurídicos posta ao serviço de uma extensa e profunda cultura e de um exemplar bom senso, filho muito legítimo da mais sólida sedimentação moral.

E de quantos (sim, de quantos?) se pode dizer outro tanto, desde o primado dos Velascos, dos Pegas, dos Pascoais, dos Lobões até à quase esterilidade (salvas contadas excepções) dos apagados dias que vivemos?

T. de M. J.